

FOLIÕES E "FOLIÕES": MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS PERFORMANCES DE GÊNERO DAS FOLIAS DE SANTA DICA

*"FOLIÕES" AND "FOLIÕES": MEMORY AND IDENTITY IN THE GENDER
PERFORMANCES OF SANTA DICA'S FOLIAS*

*"FOLIÕES" Y "FOLIÕES": MEMORIA Y IDENTIDAD EN LAS PERFORMANCES DE
GÉNERO DE LAS FOLIAS DE SANTA DICA*

Vinícius Machado Luz¹
Vânia Dolores Estevam de Oliveira²

Resumo: O presente artigo tem por proposta ressaltar algumas características de duas festividades distintas, a Folia de Reis e a Folia de São João, realizadas anualmente em Lagolândia (distrito de Pirenópolis), em Goiás. A Folia de Reis caracteriza-se por ser um evento predominantemente masculino, onde os participantes percorrem longas distâncias na zona rural, em uma peregrinação com ritos próprios. A Folia de São João tem por característica ser realizada por um grupo de mulheres ("foliões" ou "donzelas", como são conhecidas localmente), que percorre as casas da zona urbana do distrito, em um ritual que se assemelha à Folia de Reis. Essas manifestações, bem como outras festas da região, surgem a partir da iniciativa de uma líder religiosa e política da primeira metade do séc. XX, Benedita Cipriano Gomes, conhecida como Santa Dica. Para este artigo, partimos da ideia de que existem ritos religiosos, encenados nos dois festejos, com regras e características diferenciadas entre os gêneros, que caracterizam cada um como 'masculino' ou 'feminino'. Nossa proposta tem por objetivo demonstrar algumas das diferenças entre as duas folias, com a hipótese de que as festas religiosas ajudam a compreender a identidade, os vínculos e a organização social de uma comunidade e, nos casos específicos, por motivações ligadas à memória e à identidade do lugar, que ultrapassam o viés religioso e devocional.

Palavras-chave: Folia; Gênero; Lagolândia; Santa Dica.

Abstract: This article aims to highlight some characteristics of two distinct festivities, the Folia de Reis and the Folia de São João, held annually in Lagolândia (district of Pirenópolis), in Goiás, Brazil. The Folia de Reis is characterized as a predominantly male event, where participants travel long distances in the countryside, in a pilgrimage with its own rites. The Folia de São João is characterized as being performed by a group of women ("foliões" or "donzelas", as they are known locally), who go around the houses in the urban area of the district, in a ritual that resembles the Folia de Reis. These manifestations, as well as other festivals in the region, arose from the initiative of a religious and political leader in the first half of the 20th century, Benedita Cipriano Gomes, known as Santa Dica. For this article, we start from the idea that there are religious rites, staged in both festivals, with different rules and characteristics between the genders, which characterize each one as 'masculine' or 'feminine'. Our proposal aims at demonstrating some of the differences between the two folias, with the hypothesis that the religious festivals help to understand the identity, the bonds and the social organization of a

¹ Doutorando e Mestre em Performances Culturais, pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Especialista em Jornalismo Digital (Facinter); Jornalista, com graduação em Comunicação Social - Hab. Jornalismo; Designer Gráfico, com graduação em Artes Visuais - Hab. Design Gráfico (FAV/UFG); Professor Universitário, nos cursos de Com. Social (Relações Públicas, Publicidade de Propaganda e Jornalismo). Encontra-se sob orientação da Profa. Dra. Vânia Dolores Estevam de Oliveira. CV: <http://lattes.cnpq.br/0909003283679583>

² Doutora em Memória Social (UNIRIO), com mestrado em Memória Social e Documento, pela mensma instituição, e graduação em Museologia. Atualmente é Vice coordenadora e professora do Bacharelado em Museologia e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Performances Culturais, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás

community and, in the specific cases, for motivations linked to the memory and the identity of the place, which go beyond the religious and devotional bias.

Keywords: Folia; Gender; Lagolandia; Santa Dica (Saint Dica).

Resumen: Este artículo tiene como objetivo resaltar algunas características de dos festividades distintas, la Folia de Reyes y la Folia de São João, que se celebran anualmente en Lagolândia (distrito de Pirenópolis), en el estado de Goiás, em Brasil. La Folia de Reyes se caracteriza por ser un evento predominantemente masculino, donde los participantes recorren largas distancias en el campo, en una romería con sus propios ritos. La Folia de São João se caracteriza por ser realizada por un grupo de mujeres ("foliões" o "doncellas", como se las conoce localmente), que visitan las casas en el área urbana del distrito, en un ritual que se asemeja la Folia de Reis. Estas manifestaciones, así como otras fiestas de la región, surgen de la iniciativa de un líder religioso y político de la primera mitad del siglo. XX, Benedita Cipriano Gomes, conocida como Santa Dica. Para este artículo, partimos de la idea de que existen ritos religiosos, escenificados en las dos festividades, con diferentes reglas y características entre géneros, que caracterizan a cada uno como 'masculino' o 'femenino'. Nuestra propuesta tiene como objetivo demostrar algunas de las diferencias entre las dos folias, con la hipótesis de que las fiestas religiosas ayudan a comprender la identidad, los lazos y la organización social de una comunidad y, en casos específicos, por motivaciones relacionadas con la memoria y la identidad del lugar, que van más allá del sesgo religioso y devocional.

Palabras llave: Folia; Género; Lagolândia; Santa Dica.

Pelo senso comum, sabemos o que é uma Folia: entendemos, no geral, que trata-se de um festejo, ligado, ou não, a alguma motivação religiosa. Contudo, antes de adentrar aos conceitos e aos estudos que propomos para as duas festividades propostas para este artigo, é necessário contextualizar e conhecer o meio ao qual as duas festas se originaram, a história de Santa Dica e o distrito de Lagolândia, em Pirenópolis - Goiás.

A história do distrito se inicia a partir do nascimento de Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica. Em 1906, este personagem histórico nasce em uma das fazendas da região de Pirenópolis, a 36 quilômetros da sede do município, na fazenda "Mozondó", onde seus pais trabalhavam como agricultores e possuíam um pequeno engenho de cana (VASCONCELLOS, 1991).

Segundo Rezende (2011), o que dá notoriedade a história de Dica, e a torna conhecida na região, ao ponto de atrair seguidores de outras regiões do país, é o seu suposto caso sobrenatural de "ressurreição", aos sete anos de idade. Conforme Vasconcelos (2011), acometida de um mal desconhecido, caiu gravemente enferma:

Após tentar os recursos locais, chás e simpatias, é tida como morta ao final de três dias de prostração. Ressuscita, no entanto, ao lhe ser dado o tradicional banho dos defuntos. A notícia deste fato se espalha, primeiramente na vizinhança para, em seguida, ganhar o município, o estado e o país (VASCONCELLOS, 2011, p. 79).

Após esta passagem, em poucos anos a menina já atraía grande número de seguidores. “A princípio fora somente curandeira, [...] alvo de admiração dos sertanejos. (VASCONCELLOS, 1991, p. 79). Com o tempo, passou ainda para milagreira e profetiza. “Após as primeiras curas, passou Dica a ser acreditada também como milagreira, pois, tendo ouvido solicitações dos fiéis e a elas dado respostas que correspondiam à expectativa dos consulentes, estes passaram a crer e apregoar o milagre (VASCONCELLOS, 1991, p. 80).

Durante muitos anos, foi responsável por uma grande migração de devotos e romeiros que, segundo Vasconcellos (1991, p. 82), “foi acrescido um número substancial de habitantes e aquela aldeiola de umas doze casas se transformou em uma vila coberta de casas, ranchos e fogos”. Por essa razão, “a pequena fazenda Mozondó se tornou um vilarejo conhecido por ‘Lagoa’ [...], e, mais tarde, ‘Lagolândia’, onde a ‘santa’, segundo relatos, [...] até 70 mil pessoas a teriam visitado em romaria entre 1923 e 1925” (GOMES FILHO, 2012, p. 10).

Conforme descreve Vasconcellos, era tida como mediadora entre o céu e a terra, ocupando, durante o auge de seu movimento, o ápice da pirâmide social do lugarejo, por seu destaque na estrutura social em que vive:

[...] este tipo de mediação entre o humano e o sobrenatural aparece sempre ligado à prática mágica de controle das atividades humanas - curandeirismo e milagres. [...] Sua mediação faz com que seja ela obedecida sem questionamento, pois suas origens são transmitidas do alto, sem interferências ou mesmo sem ter que recorrer aos livros sagrados (VASCONCELLOS, 2011, p. 88).

Neste contexto, faz-se necessário ressaltar que no início do séc. XX, cerca de 98% da população de Goiás era analfabeta³. Segundo Paiva (2003), organização política de Goiás se dava aos moldes do coronelismo, durante a chamada República Velha⁴, e toda a região era marcada pela pobreza e isolamento. Nesse panorama social, de acordo com Souza Barros (1977), há um ambiente propício para a instauração de sistemas político e sociais que, atualmente, são denominados de movimentos messiânicos.

Já a definição de messianismo, de acordo com Pontes (1992, p. 15), significa “a crença na existência de um personagem ou de uma doutrina que, por suas qualidades intrínsecas ou mágicas levará a sociedade humana a uma situação paradisíaca”. Para Souza Barros (1977), estes movimentos tendem a fixar em duas linhas, “a mágico religiosa [...] e a de colocação do

³ Informação baseada no Censo de 1920.

⁴ Alternância e predominância do poder nacional por parte das oligarquias de São Paulo e de Minas Gerais, durante o período chamado de República Velha.

problema religioso apenas como veículo para a solução de caráter econômico e social” (BARROS, 1977, p. 157).

A Memória, o Pertencimento e a Identidade

Neste cenário, onde as relações religiosas se estabeleceram com Santa Dica como figura central, foram estabelecidas diversas festividades religiosas que perduram, em grande parte, até os dias atuais, todas “[...] iniciadas por Santa Dica, por volta de 1920” (REZENDE, 2011, p. 138).

Nestas festividades e rituais de Santa Dica, em Lagolândia, é possível observar, como característica predominante “[...] uma grande semelhança entre estes e os rituais há muito existentes na Igreja Católica” (GOMES FILHO, 2009, p. 297).

Essa semelhança pode ser compreendida como expressão do chamado catolicismo popular, definido, conforme Roberto Cardoso de Oliveira (1970), como relacionamento direto e pessoal entre o homem e o sagrado, escapando ao controle da Igreja, enquanto instituição. Desta forma, tem-se como resultado que “o mesmo código religioso é diferentemente interpretado pelas classes sociais de maneira que, sob uma unidade formal, escondem-se, de fato, diversas representações e práticas religiosas (OLIVEIRA, 1985, p.135). Desta forma, conforme esclarece, as pessoas do próprio lugar, sem ligação oficial, ou formal, com a igreja, tomam frente dos ritos, cerimônias e celebrações.

Adentrando aos conceitos e estudos sobre os ritos, é possível perceber que apresentam semelhanças à definição de catolicismo popular. De acordo com Brandão (2010), os rituais podem ser vistos como meios de comunicação entre o humano e o sagrado. “[...] Esse parece ser o ponto de vista de Victor Turner, para quem o ritual realiza comportamentos formais codificados, separado dos da vida rotineira e que se referem a crenças em seres e poderes místicos” (BRANDÃO, 2010, p. 20).

Deste modo, por meio das crenças, do catolicismo popular e dos rituais implantados por sua fundadora, Lagolândia, até os dias atuais, se vinculam à presença de Santa Dica, como a Festa do Doce, a mais conhecida do distrito. A noção de pertencimento e identidade da comunidade e das duas folhas, de São João e de Reis, em Lagolândia, não se faz unicamente pelo lugar geográfico.

Existe uma relação entre a memória, relacionada à manutenção dos festejos e tradições do distrito, que contribuem na manutenção da identidade da comunidade que, cinquenta anos após o falecimento de Dica, ocorrido em 1970, mantém vivas as festas e tradições. A memória,

presente nos rituais e festas encenadas anualmente, torna-se um elemento da identidade, pois estabelece “uma ligação com o passado, enriquecendo o presente, [...] sendo pleiteada também por fornecer um lugar de pertencimento, uma memória comum” (AMORIM, 2012, p. 109).

Nessa perspectiva, o conjunto de memórias e histórias apresenta dimensões importantes, dentre elas o fato de se tratar de um distrito e de várias tradições fundadas por uma líder mulher, no início do séc. XX. Deste modo, é importante abordar a questão do gênero, enquanto uma forma de ser no mundo e, nessa maneira de ser, entre a forma como as pessoas são percebidas e condicionadas (GEBARA, 2000 *apud* GONÇALVES, 2010). De acordo com Judith Butler (2003, p.37) “[...] as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis [...] de gênero”, portanto, são percebidas e interpretadas a partir de seu gênero.

Por meio destas dimensões, que passam pelos papéis estabelecidos pelo gênero, com suas possíveis hierarquizações e segregações entre pessoas, e evocadas pela memória e a forte ligação que a comunidade de Lagolândia mantém com a sua fundadora, “as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência” (HALL, 2000, p. 109). A identidade do grupo tem sua coesão a partir de suas divisões de gênero, relacionadas à religiosidade local e ao sentimento de pertencimento, da comunidade, a Lagolândia, e a história de sua precursora e fundadora dos costumes e líder local, que mantém a identidade da comunidade.

Duas folias em performances e gêneros

Atualmente, as festas religiosas e as tradições iniciadas por Santa Dica permanecem presentes no calendário festivo de Lagolândia. Contudo, duas folias se destacam e se opõem no calendário festivo, por estarem simetricamente separadas: A Folia de Reis, no ciclo do Natal (de 31 de dezembro a 06 de janeiro), e a Folia de São João, no período Junino (24 de junho), no final e meio do ano, separadas por seis meses. As duas festas, colocadas em sentidos opostos no ciclo do calendário cristão, trazem características que também às contrapõem, como os gêneros que protagonizam as duas festividades.

Para compreender as duas festividades, é necessário referenciar as histórias do santo e dos personagens bíblicos homenageados nas duas festas. A Folia de São João tem João Batista como personagem central, que, segundo o relato bíblico (Lucas, 3,16), teria sido o responsável pelo batismo de Jesus. No caso da Folia de Reis, os Reis Magos são personagens que visitam Jesus em seu nascimento, levando presentes (Mateus, 2,1-12).

De acordo com Rezende (2011), a Folia de Reis do distrito consiste na peregrinação dos foliões, todos do sexo masculino (figura 1), “entre todas as casas de moradores católicos [do distrito]” (REZENDE, 2011, p. 137). Durante os dias do festejo, é realizado o rito local, em que as etapas se assemelham ao que é visto em outras localidades, como culto ao nascimento de Cristo e aos Reis Magos,

[...] Os foliões, com sua bandeira à frente [...], fazem suas visitas às casas [...], procurando levar a cada família as bênçãos dos céus. [...] Recebida a bandeira, o chefe da família oferece-a a todos para ser beijada, e com ela percorre todos os cômodos da casa para que sejam abençoados, colocando-a, depois, em lugar de destaque para veneração (LACERDA, 1977, p. 37).

A celebração da Folia de Reis em Lagolândia é realizada entre os dias 25 e 31 de dezembro. Durante os festejos, os homens, em sua maioria da zona rural, assumem os papéis principais da festa. Cabe a eles o rito da música, das rezas e a organização dos trajetos entre as casas dos moradores do distrito. De acordo com observações e relatos de moradores, vestem-se de roupas que identificam e uniformizam o grupo, com camisas em tons de azul, botas, cintos com presilhas e fivelas prateadas ou douradas, chapéus e lenços (cachecol) no pescoço. As funções femininas ficam restritas à alimentação e a participação em parte dos cultos religiosos, realizados no interior das residências.

Figura 1: Folia de Reis - Protagonismo e predominância de homens.



Fonte: Vinícius Luz (2021)

Já a Folia de São João, considerada a folia feminina, é realizada no dia 24 de junho. No dia 23, próximo à meia noite, um grupo de mulheres, chamadas localmente de donzelas ou *folioas*, sai do salão principal da cidade, circulando as brasas da fogueira de São João (festa Junina) cantando músicas de adoração ao santo (figura 2). No dia 24 é realizado, durante todo o dia, o percurso feito pelo mesmo grupo de mulheres da noite anterior, entre todas as casas de moradores católicos do distrito (figura 3), onde são entoados cânticos e recolhidas as doações em dinheiro.

A principal música entoada, em todo o festejo, durante e após o recebimento do dinheiro, tem início com “Deus vos pague a boa esmola”, seguido pela parte variável, que sempre fala sobre recompensa no céu, no apadrinhamento de São João, na proteção e no bom destino, conforme o trecho:

Deus vos pague a boa esmola

Dada com delicadeza.

No mundo ela é rainha

Lá no céu será princesa.

Deus vos pague a boa esmola

De joelhos sobre o chão.

Vós será recompensado

Pelo altíssimo São João.

Embora não se tenha registro desta música em outras folias, o recolhimento de doações é comum em outras festas populares. Nas folias de Reis e do Divino Espírito Santo, durante os seus ritos, também existem músicas de agradecimento aos donativos e esmolas recebidas, conforme visto na Folia de São João. De acordo com Brandão (2010), que fala sobre a Folia de Reis, são formas de solenizar os rituais da folia.

Enquanto requisito para a participação na Folia de São João, segundo o ethos da tradição local, as mulheres casadas, ou com filhos, não participam do festejo. Contudo, há uma maior participação masculina. Cabe aos homens as funções relacionadas a música, a definição dos trajetos, entre as casas dos moradores, e a organização financeira dos donativos recebidos durante o Giro.

Figura 2: À meia noite as mulheres circulam a fogueira no ritual que dá início à Folia.



Fonte: Vinícius Luz (2018)

Figura 3: Grupo de foliões da Folia de São João - Folia realizada por mulheres



Fonte: Vinícius Luz (2018)

A partir destas descrições, pressupomos que as duas manifestações acontecem pela ideia de que existem papéis sociais, estabelecidos para homens e para mulheres. Nesse contexto, de uma folia masculina e uma outra feminina, podemos pensar nas mesmas enquanto arranjos sociais propositais. De acordo com Scott (1995, p. 81), existe uma divisão sexual do trabalho e das tarefas cotidianas, “está implícito que os arranjos sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães executem a maioria das tarefas de criação das crianças estruturam a organização da família”. Nesse sentido, há uma divisão de papéis clara, que define a função de cada um, na família e na sociedade. Para Scott (1990), o gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças aceitas entre os sexos”.

Portanto, nas folias, como é o caso da Folia de Reis, a predominância masculina, onde se observa que, cabe às mulheres as funções relativas à alimentação, como servir e preparar os alimentos, pode representar a perpetuação das relações e comportamentos, entre homens e mulheres, na sociedade. Já a Folia de São João, com os seus aspectos peculiares, cria uma nova identidade, talvez, motivada propositalmente por sua fundadora (Santa Dica), por meio de uma inversão de papéis, onde o protagonismo desta folia é exercido por mulheres.

Possivelmente por estes motivos, a por ter uma mulher como precursora, a Folia de São João é protagonizada por mulheres, mostrando-se diferente de outras folias, como é o caso da Folia de Reis, realizada predominantemente por homens, em Lagolândia e nas demais regiões do país, onde é celebrada. A folia de mulheres, segundo Luz (2021), “com os seus aspectos peculiares, cria uma nova identidade, por ser um grupo com crenças, gênero, ritos e memórias em comum e com marcada diferença em relação ao grupo de Folia de Reis, predominantemente masculino”.

Enquanto performance, de acordo com Judith Butler (2003, p. 48), “o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância - isto é, constituinte da identidade que supostamente é”. Portanto, segundo Butler, essa identidade [de gênero] é performativa, “constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48).

Como apontado por Butler, e na perspectiva de Richard Schechner, todas as performances - definíveis e indefiníveis - compartilham características:

o comportamento em performance não é livre e fácil. O comportamento em performance e/ou o comportamento praticado – ou o “comportamento executado duas vezes”, “comportamento retomado” – é conhecido antecipadamente ou ensaiado ou aprendido previamente ou aprendido por osmose desde criança ou, ainda, revelado durante a performance pelos

mestres, gurus, guias, ou pelos mais velhos, ou gerado através de regras que determinam os resultados, como no teatro ou no esporte (SCHECHNER, 2014, p. 156).

Para Richard Schechner (2012), em estudos sobre as performances e os rituais, o ritual transgredir a vida comum e cotidiana, vai além dos limites estabelecidos para a vida diária. O ato ritual não é como o hábito, não é um ato repetido apenas por necessidade, apesar de ser complexa a delimitação precisa de quais substratos da vida cotidiana podem ser considerados meramente hábitos e o que de fato é ritual, como destaca Schechner (2012). Com essa definição, ainda segundo Schechner (2012):

[...] pequenas ou as grandes tradições, são “formas de pensamento construídas pela humanidade”, possibilitam distintas experiências pessoais, definem distintos modos de ser e de ver, usos e costumes, e são construídas carregando tensões, desejos, esquecimentos e fricções entre as pessoas, vilas ou civilizações que pretendem “comunicar a nós sua natureza, sua totalidade” em forma complexa e convincente. (Schechner, 2012 *apud* COSTA, 2015, p. 59).

Enquanto memória ou identidade, o papel masculino ou feminino pode representar um tipo de determinismo nas relações e comportamentos, entre homens e mulheres, com marcada diferença em relação aos dois grupos de folias. Entendendo, aqui, que a identidade e a memória passam por raízes históricas, com origem na precursora de tais manifestações, a Santa Dica. “[...] na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000. p. 106). Para Jacques Le Goff (1990), “a memória não é a história, mas um dos seus objetos e (...) um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1990, p. 50).

Quanto a dualidade entre os gêneros, o culto aos Reis Magos e a São João Batista (Folia de Reis e de São João), podem ser compreendidas como performances coletivas de homens e de mulheres, as duas, enquanto de seus respectivos grupos e da comunidade, pois “[...] são reiteradas por desempenhos coletivos, de papéis culturais construídos e prescritos por um conjunto de normas sociais cristalizadas, os quais são reencenados em ato presente, de maneira ritualizada ou não (VELOSO, 2014, p. 196).

Contudo, as experiências coletivas também passam pelo indivíduo, em suas múltiplas formas de pensar e agir. No caso dos cultos, como é a Folia de São João e a Folia de Reis, segundo Souza Barros (1977, p. 144), está ligado a práticas de sincretismo religioso, onde “não só o catolicismo popular, mas também práticas abonadas pela Igreja aceitam o mágico tradicional”, marcado por rituais que misturam santos católicos com outras práticas religiosas.

Enquanto tradição local, esses festejos são reeditados todos os anos. Gerações que, ao longo do tempo, somam ao sincretismo religioso de Dica, a performance do grupo de mulheres, a tradição da Folia de Reis, comum em outras regiões, tomando a religiosidade enquanto fator aglutinador, de coesão social. Segundo Waldney Costa (2017, p. 9), a coesão social e as experiências coletivas manifestam a “ideia de que a sociedade se recria ao se projetar na religião e a de que a vida religiosa eleva o homem acima de si”.

Considerações finais

Atualmente, apesar do esvaziamento populacional, a ligação afetiva, dos atuais e antigos moradores do distrito de Lagolândia permanece viva, mesmo após grande parte dos moradores já ter se mudado, muitos voltam durante as festas, para participar ou assistir os festejos, que ainda são fortes e impregnados da presença de sua precursora, mesmo cinquenta anos depois de seu falecimento.

Enquanto estudo de gênero, é possível perceber que os papéis sociais, especialmente nas comunidades rurais, são divididos de acordo com o gênero, independente da classe socioeconômica. No caso do grupo de mulheres, que realiza a Folia de São João, é possível notar que, apesar do protagonismo feminino, o termo “donzelas” pode representar algum juízo de importância, ou *status*, dentro da comunidade, tendo em vista que o seu significado pode representar algum valor entre elas e para o público masculino, como a possibilidade de casamento. Por outro lado, pode, também, ser lido como valor que reforça, ou perpetua, estruturas sociais de protagonismo masculino.

Na festividade de predominância masculina, a Folia de Reis, a estrutura e os ritos da festa reproduzem o que é visto em diversas partes do país, onde os homens fazem seus trajetos, na maior parte realizados nas zonas rurais dos municípios, em alusão a caminhada noturna dos três Reis Magos, no período do Natal. Na celebração, o catolicismo popular se faz presente pela ausência de lideranças e sacerdotes da Igreja.

A devoção presente nas duas festividades tem em comum a personagem central do distrito, a Santa Dica, que tem o seu túmulo e a sua casa preservada na praça central (figuras 4 e 5), mantendo ligação do presente com o passado histórico, desta forma, perpetuando a coesão da comunidade em torno de sua figura. Portanto, reforçando e realimentando a memória e a identidade da comunidade, que surgiu, geograficamente, em torno da casa de Dica.

Figuras 4 e 5: Casa de Santa Dical. Em frente, seu túmulo na praça central



Fonte: Vinícius Luz (2019)

Por estes, e diversos outros motivos, mesmo cinquenta anos após o falecimento de Dica, ocorrido em 1970, a comunidade ainda vive o seu legado. Portanto, existe uma relação entre a memória, relacionada aos festejos, que podem estar ligados à ideia de conservação do que foi ensinado, tal como era [ou é].

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e história oral. *Jus Humanum – Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul*, São Paulo, v. 1, n. 2, p.107-112, jan.-jun. 2012. Disponível em: http://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/jus_humanum/article/view/75. Acesso em 17 de set. 2021.
- AZZAN JR., Celso. 1993. *Antropologia e Interpretação: Explicação e Compreensão nas Antropologias de Lévi-Strauss e Geertz*. Campinas: Editora da Unicamp.
- BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: *Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e folia, festa e romaria*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BURKE, P. *O mundo como teatro*. São Paulo: Difel, 1992.
- CAMARGO, Robson. *Milton Singer e as performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise*. In Karpa, 2013.
- COSTA, Waldney de S. Rodrigues. Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber. *Revista Sacrilogens*, Juiz de Fora, v.14, n. 2, p. 03-24, jul./dez. 2017. Acesso em: 16 de out. de 2021
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GONÇALVES, Maria Célia da Silva. *As Folias de Reis de João Pinheiro: Performance e Identidades Sertanejas no Noroeste Mineiro*. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília, 2010.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org). Petrópolis – RJ: Vozes, 2000
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. Traduzido do Original Francês: La Mémoire Collective (1950) por Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LACERDA, Regina. *Folclore brasileiro*: Goiás. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Departamento de Assuntos Culturais/Fundação Nacional de Arte/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LUZ, V. M. *Entre giros, esmolos e donzelas*: uma prática performática de mulheres na folia de São João em Lagolândia. 2021. 142 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de A. *Religião e dominação de classe*, Petrópolis: Vozes, 1985

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

PESSOA, Jadir de M. *Saberes em festa*: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. [s.l.]: Editora Cultrix, 2004.

SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: An Introduction*. Routledge, 2002. Págs. 45-78.

_____. *O que é performance?* Tradução de R.L. Almeida. Abril de 2011. In: SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduction, second edition*. New York & London: Routledge, 2002. p. 28-51. Disponível em: <http://performancesculturais.emac.ufg.br/uploads/378/original_O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf> Acesso em: 20 de jan. de 2021.

REZENDE, Waldetes. *Santa Dica*: história e encantamentos. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2011.

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. *Sociedade e Estado*. v. 29, n. 3, set./dez. Programa de Sociologia da Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2014.

SOKAL, ALAN, BRICMON, Jean. *Imposturas intelectuais*. 4ª. Rio de Janeiro: Record, 2010.

VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa Dica*: encantamento do mundo ou coisa do povo. Goiânia: CEGRAF - UFG, 1991.

VELOSO, Sainy. Entre tablados e arenas: performances culturais. **Urdimento**, v. 2, n. 23, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18839/5/Artigo%20-%20Sainy%20Coelho%20Borges%20Veloso%20-%202014.pdf>. Acesso em: 16 de out. de 2021

Sites e portais consultados:

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/pirenopolis/panorama>

*Enviado em 13 de dezembro de 2021.
Aprovado em 08 de fevereiro de 2022.*